Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



A insinuante **MERLE OBERON**, mulher de Alexandre Korda, que tão notável criação teve em «O Monte dos Vendavais» reaparecerá entre nós ainda esta temporada

2.ª SERIE — N.º 54 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS FEIRAS — LISBOA, 17 DE NOVEMBRO DE 1941 — PREÇO 1$50



DON AMECHE

Don Ameche, há muito conhecido e apreciado pelos cinéfilos portugueses, é um dos actores mais versáteis de Hollywood. Interpreta dramas com tão apreciável correcção como comédias com esfusiante desenvoltura, ou filmes musicais com perfeito à vontade. Senhor de indiscutível talento histriónico, de bela voz abaritonada e de agradável presença, Don Ameche é dos «astros» mais «úteis» de toda a constelação americana. Algumas das suas criações destacaram-se nitidamente e merecem ser lembradas, como as de «O Incêndio de Chicago», de «Assim Nasceu o Cinema», de «O Grande Milagre» (A vida de Graham Bell, o inventor do telefone), e principalmente de «Sinfonias Modernas».

Na comédia musical também Don Ameche — cujo nome verdadeiro é Dominic Amici — tem obtido assinaláveis êxitos. Recordam-se por exemplo as suas interpretações em «A Rainha do Patim», ao lado de Sonja Henie, e em «Sinfonia dos Trópicos».

Em «Uma Noite no Rio», actualmente em pleno triunfo em Lisbôa, Don Ameche faz notàvelmente o duplo papel do Barão Manuel Duarte e do cantor americano Larry Martin. É verdadeiramente magnífica a forma, cheia de subtileza, de inteligência e de brilho, com que dá as diferenças psicológicas existentes entre os dois sósias. A publicação dêste seu esplêndido retrato representa de certo modo, por parte de «Animatógrafo», uma homenagem ao talento do simpático artista — e é uma maneira como outra qualquer de lhe agradecer o cuidado com que aprendeu a nossa lingua para cantar em perfeitíssimo português, no filme referido, a canção «Encontraram-se no Rio».

2.ª série / N.º 54 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

17 de Novembro de 1941
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O realizado ... E OLIVEIRA vai dirigir ... D. A. L. R. que foi i ... «Aniki-



...pes Ribeiro e sua mulher, diante ...aturais das margens do Douro

A Produção António Lopes Ribeiro fundou-se em Maio último e começou a filmar em Julho o seu primeiro filme.

Qual era o seu programa?... PRODUZIR CONTINUADAMENTE.

O que se verifica?...

A Prod. A. L. R. produz sem interrupções!

Filme N.º 1 — «O PAI TIRANO», estreado 75 dias depois da 1.ª volta de manivela. Êxito rotundo em todo o país.

Filme N.º 2 — «O PÁTIO DAS CANTIGAS», cujas filmagens começaram na semana seguinte à estreia do filme n.º 1 e que estará concluído até ao fim do ano.

Filme N.º 3 — «A MANTILHA DE BEATRIZ», em plena preparação, filmagens a começar no próximo Janeiro, estreia prevista para Abril.

Filme N.º 4 — «A REPÚBLICA DOS PARDAIS», o filme de Coimbra. Filmagens a começar na Primavera.

Todos estes filmes já foram anunciados em «Animatógrafo», e a sua realização já não oferece dúvidas a ninguém. A sua encenação foi entregue a três encenadores, dois dos quais se estreiam: Francisco Ribeiro, que dirige «O Pátio», Fernando Garcia, que dirige «A Mantilha». A. L. R., director de produção de todos êles, encena pessoalmente os filmes N.º 1 e N.º 4.

O filme n.º 5

Mas as *realidades* (pois seria anacrónico falarmos de projectos) não ficam por aqui. Soma... e segue!

«Sempre por bom caminho!...» como se diz no final do «Pai Tirano», sem fazer caso daqueles

Pois anunciamos hoje o FILME N.º 5 da Produção A. L. R., a realizar também em 1942.

O Filme N.º 5 tem um nome estranho, um nome misterioso, de esquisito sabor: «ANIKI-BÓBÓ». E o nome de quem o realiza vai causar sensação no meio cinematográfico: Manuel de Oliveira, o cineasta portuense, uma das mais sólidas promessas do Cinema Português, autor de dois documentários famosos, que o público e a crítica distinguiram com particular apreço.

Manuel de Oliveira e A. L. R.

Vêm de longe as relações de Manuel de Oliveira e de António Lopes Ribeiro. A primeira tentativa de realização do primeiro foi um documentário sôbre a vida dos trabalhadores portuenses que, desde a Ponte D. Luiz à Foz, trabalham de sol a sol: *Douro, faina fluvial*. Concebido, dirigido e montado por Manuel de Oliveira, filmado pelo seu colaborador inseparável António Mendes, *Douro, faina fluvial* entusiasmou A. L. R., então crítico cinematográfico do «Diário de Lisboa». Todos os distribuidores de filmes, que então eram obrigados a apresentar em cada programa os famigerados «100 metros portugueses», o recusavam, por o considerarem «avançado» — em concepção técnica, entenda-se. A. L. R., encarregado por António Ferro de organizar um espectáculo de cinema português para o V Congresso Internacional da Crítica, realizado em Portugal, escolheu *Douro, faina fluvial* para ser apresentado à elite dos críticos, que então nos visitava. Estávamos na primavera de 1931. E, de então para cá, não se publicou nenhuma História do Cinema que não citasse o documentário de Manuel de Oliveira como o filme mais representativo do Cinema Português. A crítica de Émile Vuillermoz, no «Temps», celebrizou-o nos meios intelectuais da Europa.

Mas passaram anos e *Douro, faina fluvial* continuava sem ter quem o apresentasse. Mais uma vez A. L. R. interveio a seu favor. E o filme, sonorizado com uma partitura excelente de Luiz de Freitas Branco, foi apresentado em 1934 ao público no mesmo programa em que figurava *Gado Bravo*, primeiro filme encenado por A. L. R.

Passaram mais anos. Manuel de Oliveira continuava a estudar, a trabalhar, a embalar o seu sonho cinematográfico. Mas nenhum produtor, a pretexto de que «não era comercial», se animava a dar-lhe um filme para fazer. Em 1939, a Lisboa Filme, sempre disposta a incitar boas vontades, sonoriza um novo documentário de Manuel de Oliveira e António Mendes: *Famalicão*. E é novamente A. L. R. quem o apresenta ao público, conjuntamente com *Feitiço do Império*, no São João Cine do Pôrto, em 1940.

O público e a crítica receberam *Famalicão* com o máximo interêsse. Mas nem assim os produtores se decidiram. E, apesar de propostas e contra-propostas, de conferências e mais conferências, M. de O. não encontrava quem quisesse aproveitar as suas raríssimas qualidades de cinematografista.

A. L. R. fundara, entretanto, a sua própria produção, em Maio dêste ano. E poucos meses haviam de passar sem que entre ambos se não firmasse o que era lógico e justo: Manuel de Oliveira vai realizar filmes para a Produção António Lopes Ribeiro.

Um filme de miudos

A camaradagem e a amizade existente entre A. L. R. e Manuel de Oliveira tem a sua consagração no contrato que firmaram agora. A concepção que um e outro têm do espectáculo cinematográfico só é diferente na aparência, por fôrça das suas índoles pessoais, diversíssimas, mas

(Conclui na página central)

Os «secundários»... de primeira ordem

BASIL RATHBONE

É possível que o leitor veja com estranheza a inclusão de Basil Rathbone, no número dos actores secundários, que *Animatógrafo* se propôs homenagear, nos despretenciosos artigos biográficos que vem publicando. Basil, com efeito, apareceu já como protagonista de alguns filmes, desde a série Sherlock Holmes, que a Fox empreendeu, até *Em Face do Destino (The Mad Doctor)* que a Paramount nos deu no final da época passada. Parece, à primeira vista, a julgar por estes factos — e sem entrar em linha de conta com o seu real talento — que êle teria jus a figurar nas constelações das estrêlas da Cinelândia. Em boa verdade, e por muito pouco lógico que pareça — e parece, na realidade — Basil Rathbone, êsse espantoso actor que temos admirado em tantos filmes, não é considerado, pelos estúdios, como digno de figurar na categoria, onde se arregimentem os chamados astros de primeira grandeza. Está em boa companhia, aliás, por que em idênticas circunstâncias se encontram Melvyn Douglas, Maë Robson, Lewis Stone e outros que seria ocioso mencionar. Manda a verdade que se diga que esta distinção de categorias não se faz à luz de critério do talento absoluto. Há que tomar em linha de conta o chamado valor comercial das vedetas, a sua permanência efectiva nos estúdios, etc. E se o facto não absolve a exclusão de Basil Rathbone do grupo n.º 1 das vedetas — explica, pelo menos, em parte, aquilo que se nos afigura o paradoxo.

* * *

Hollywood costuma catalogar os artistas em tipos definidos. Melhor diríamos: H o l l y w o o d costuma «cristalizar» os artistas em tipos definidos. Billie Burke tem que ser fatalmente a «assombrada» e fútil mulher, de raciocínio lento; Everett Horton é o homem dos mil e um sarilhos, «que vai na conversa», e que só depois faz «marcha atrás» para dizer o que quere; Frank Morgan, já vimos, é o protótipo do esquecido e do distraído. Tôdas as vedetas, em voga, têm uma psicologia certa, que «envergam» quando se apresentam no «plateau»...

E, assim, se Hollywood quere um vilão, mas um vilão distinto, de casaca e luva branca; um vilão que seja ao mesmo tempo um «charmeur», que possa prender na teia do seu encanto, qualquer donzela que o galã bom-rapaz disputa — Basil Rathbone é a imagem que salta no ficheiro do cérebro dos realizadores e produtores americanos.

Vilão e personagem-antipática, como regra geral, porquê?! Neste ponto a raciocínio, é inútil. Porquê?! Porque sim... E êste porque sim», quere dizer: pelas mesmas razões ignoradas que levaram os cineastas, durante anos e anos, a apresentar-nos a Myrna — a mais admirável das mulheres — sob os traços duma vingativa oriental (pobre Myrna, o que deveria ter sofrido!) e o bom William Powell, vestido pelo figurino do mais antipático facínora dêste mundo!

Basil Rathbone é outra vítima! Mas uma vítima que às vezes se desforra. No *Tovarich*, por exemplo, no papel do comunista soviético Gorotchenko, êle deu, como diz o vulgo, um bigode a Charles Boyer, que na pele dum príncipe russo, com pouco dinheiro, mas muitos pergaminhos, fazia o possível por parecer distinto — êle que veste melhor pelo figurino do Casbah ou de Montmartre. Com efeito, Basil dir-se-ia o Príncipe — e Charles Boyer, o Gorotchenko.

A distinção, na tela, como na vida, não se improvisa, dum momento para o outro. Nasce-se com essa distinção que se vê num gesto, na presença ou no olhar, — como se nasce poeta ou músico. É verdade que a educação opera milagres. Mas não chega. E assim, vemos pessoas de aprimoradas maneiras, sob o desastrado aspecto dum taberneiro lapuz, e rapazes, que não sabem sentar-se a uma mesa, com uma presença que os impõe. Basil Rathbone, aluno dos melhores colégios ingleses, passou por essa escola de «arte de se apresentar» que é o palco — e nasceu com os estigmas que tornam num «gentleman» o mais baixo dos «voyous»...

Não é o seu caso, aliás. Filho de excelentes famílias, ao tempo em Johannesburgo (África do Sul), herdou dos seus antepassados a nobreza de maneiras, que os ilustraram. E quando passou para o tablado em Londres, para representar Shakespeare, Basil não desceu — subiu ao palco! Os papéis que o cinema lhe distribuiu não influenciaram a sua personalidade. Continua a ser hoje como ontem, uma pessoa da mais elevada categoria social. A sua casa — em Beverly Hills — é célebre na Cinelândia. As grandes festas oferecidas às figuras mundiais que visitam Hollywood, realizam-se sempre na mansão dos Rathbones, que gozam de justa fama nos meios mundanos da América do Norte. Ninguém, em Hollywood, recebe como Basil e Onida Rathbone.

E não havia o Comissário Gorotchenko de ofuscar o brilho do Príncipe Russo, nascido em Figeac?!...

* * *

Rathbone tem dividida a sua carreira de actor, pela tela e pelo palco. E compreende-se que assim proceda, porque um homem que, no tablado, tem um sólido prestígio, não deve gostar de «cristalizar» em «bits», que, tantas vezes, só o seu talento de comediante, conseguiu impor. Começou, já dissemos, em 1912, por representar Shakespeare. Com Leslie Howard, pode considerar-se o melhor intérprete do dificílimo reportório do famoso clássico britânico. *Romeu e Julieta*, no cinema, é um milagre de Irving Thalberg, mas deve considerar-se também o triunfo espantoso, do elenco mais notável que até hoje viveu a tragédia shakespeareana. E a Basil Rathbone cabe parte de leão em semelhante glória.

Foi aliás a primeira peça que êle representou, perante o público londrino. Veio depois, *Othelo*, mais tarde, *Peter Ibettson*. A seguir, um salto à América — e dois filmes *The Masked Bride* e *A Grã Duqueza e o criado*. Broadway tentou-o. No decurso duma época teatral excepcionalmente proventosa, interpretou Judas, de que foi co-autor. Em 1932, regressou a Inglaterra e dividiu a sua actividade pelo palco e pelo estúdio. Entre os filmes, vale a pena citar: *After the Ball* e *One Precious Year*.

Só em 1935, Basil Rathbone regressou a Hollywood para se dedicar quási exclusivamente ao cinema! E vem, então, a série que o acreditou como artista cinematográfico: *David Copperfield*, *Ana Karenine*, *Duas cidades*, *Os últimos dias de Pompeia*, *Capitão Blood*, *Romeu e Julieta*, *o Jardim de Allah*, *Tovarich*, *Aventuras de Marco Polo*, *Aventuras de Robin Hood*, *Patrulha de Alvorada* (segunda versão), *Se eu fôra rei*, *Aventuras de Sherlock Holmes*, *A Mansão de Baskerville*, *O Sinal do Zorro*, etc., etc.

As suas grandes criações foram, incontestàvelmente, as que nos deu em filmes, como *Em Face do Destino* e *Vivenda Trágica*.

E aqui têm, a traços largos, a história do excelente artista que aguarda a hora de consagração, por parte dos produtores de Hollywood, os mesmos produtores que não tiveram pejo de o «queimar» em filmes como *O filho de Frankenstein* e noutras películas tão monstruosas como esta...

FERNANDO FRAGOSO

Basil Rathbone

PANORÂMICA

O nosso aniversário

A todos as pessoas que nos felicitaram pelo nosso primeiro aniversário, agradecemos muito reconhecidamente a sua atenção e as suas boas palavras de incitamentos e de apoio — para nós tanto mais gratas quanto é certo que se esqueceram de nos dar parabens muitos que tinham obrigação moral de o fazer... Isto não significa que tivessemos estranhado a sua atitude — pois não esperávamos outra coisa. Para nós já passou o tempo das ilusões...

Queremos agradecer especialmente a Silva Brandão a sua carta tão calorosa e compreensiva. Uma carta como a sua, vale centenas delas preenchidas apenas com fórmulas protocolares.

Uma conferência em Coimbra

Na sede da Associação Académica de Coimbra, realizou ontem o nosso director uma palestra subordinada ao título «Perigos e Atractivos dum filme sôbre Coimbra», em que expôs à Academia os seus intentos como autor, realizador e produtor do filme «A República dos Pardais», a começar na primavera do ano próximo.

No número que vem relataremos pormenorizadamente o que nessa conferência se passou.

Os jornais e o cinema

Já mais de uma vez se têm formulado reparos nestas colunas à indiferença dos nossos jornais diários pelas coisas do cinema — indiferença que tanto conduz ao absurdo de filmes como «O Mundo a seus pés» serem criticados pelo repórter de serviço na noite da estreia como à carência de informação, nas suas páginas, sôbre uma actividade de interêsse muito superior e muito mais vasto do que outras que nelas encontram larga representação.

Semelhante alheamento causa também efeitos altamente pitorescos, quando se lembram do cinema. Vivem em tal ignorância a seu respeito que dão raia certa, sempre — ou quási sempre — que do cinema se ocupam.

O que sucedeu há dias a propósito da passagem por Lisboa de um negociante inglês de filmes é elucidativo. A fantasia começou logo na ideia que um dos nossos diários teve de o entrevistar. O cavalheiro deve ter ficado surpreendidíssimo quando o procurou uma das colaboradoras do tal jornal. Mas ainda se espantou mais, com certeza, ao ver o título da entrevista, a duas colunas: «Lewis Jackson está em Lisboa». Êle, simples empregado administrativo de uma emprêsa, anunciado como se fôsse uma vedeta de renome universal... Caspité!

O cabeçalho da entrevista era prometedor: «Notícias frescas de Hollywood — os mais recentes «potins» da capital do cinema». Lia-se a notícia e afinal, a respeito de notícias e de «potins» — nem um. Apenas meia dúzia de opiniões sem interêsse e a demonstração de que a entrevistadora sabe tanto de assuntos de cinema como nós de lagar de azeite e tem o seu inglês bastante tremido: chama «Laura» à Lana Turner, «Betty» à Bette Davis, e põe na bôca do entrevistado a seguinte opinião sôbre esta última: «Apenas brilhante»!

Claro está que o sr. Jackson não respondeu «Apenas brilhante» à pregunta da jornalista a respeito de Bette Davis. Deve ter dito: «Just bright» — o que equivale a «Simplesmente brilhante», ou seja exactamente ao contrário do que se lia no jornal...

«Produzir, economizar, perseverar, ter fé!»

É facto notório, e muitas vezes verberado por nós neste lugar, que a nossa «grande imprensa», a imprensa dos jornais de grande formato e de grande expansão, não liga ao Cinema a importância que, indiscutìvelmente, lhe é devida, pelo papel que desempenha dentro da vida portuguesa, como aliás na de todos os países civilizados. Mas não será motivo bastante para que nós, daqui não assinalemos tudo o que nessa grande imprensa merece o nosso modesto apoio, procurando difundir no meio que servimos as doutrinas benfazejas que ela porventura intente propagar.

Um editorial recente do «Diário de Notícias» estabelecia «os quatro deveres que se impõem aos portugueses nesta hora da vida nacional». E tão claras e alevantadas eram as palavras de que se servia, tão fundas e perentórias as razões em que as fundamentava, tão nítidos e benéficos os fins que procurava com elas atingir, que faltaríamos ao nosso dever, não só de jornalistas, mas de portugueses conscientes, se delas aqui não déssemos sinal.

PRODUZIR — ECONOMIZAR — PERSEVERAR — TER FÉ — são os «quatro mandamentos cívicos» proclamados pelo articulista «como suprema necessidade da Pátria, como elementar lei de defesa geral, como ditame imperioso, não apenas de consciência, mas de INTERÊSSE VITAL de todos os portugueses».

Sublinhamos por nossa conta as palavras «interêsse vital», porque os leitores habituais dos periódicos têm (aqui para nós) mais em conta os seus interêsses do que pròpriamente a sua consciência, fenómeno que se harmoniza aliás com esta nossa triste época de materialidade ignara, em que as coisas do espírito só conseguem triunfar quando impostas à bruta por um govêrno forte, para o qual elas contam felizmente tanto ou mais que as necessidades imediatas do corpinho.

Se me permitem, por um símile zoológico, admitir que há povos-reptis, povos-batráquios, etc., consoante as características essenciais de cada um, o nosso é, fora de dúvida, um povo-mamífero — pela facilidade com que se habitua... à mama.

Não se escandalize o leitor com esta dura verdade, porque os tempos não vão para metáforas, e há que chamar as coisas pelos seus nomes, dada a necessidade urgente de que nos entendam. E a verdade é que outra coisa se não afirma, embora com muito hábeis circunlóquios, no notabilíssimo artigo que citamos.

Acresce que nesse artigo há palavras que se aplicam como uma luva aos problemas fundamentais do nosso Cinema, produzido por nós em nossa casa, ou por nós importado do estrangeiro.

Leia-se pois: «...é preciso prepararmo-nos para uma situação em que, quer sob o ponto de vista da produção, quer dos transportes, tenhamos de NOS BASTAR A NÓS PRÓPRIOS. Podemos aproveitar de tôdas as circunstâncias favoráveis enquanto elas existam, mas temos de encarar a dura realidade de nos encontrarmos sós.»

Pergunto à gente do Cinema, a todos os responsáveis: têm pensado nisto, meditado estas palavras GRAVÍSSIMAS?... Que medidas, que decisões, que precauções tomaram ou estão dispostos a tomar para essa emergência?...

Querem saber quais são? O mesmo artigo, insuspeitamente, responde por nós: «Destas perspectivas suficientemente evidentes e graves, resulta que só AUMENTANDO AO MÁXIMO A PRODUÇÃO NACIONAL, regulando criteriosamente o consumo, podemos, na solidariedade e na serenidade, pelo esfôrço multiplicado e pelo trabalho acrescido, pela iniciativa e pela colaboração das classes, fazer face à ameaça duma intensificação futura da crise de comunicações e às contingências dum agravamento, mais ou menos rápido, da situação mundial.»

Traduzamos isto em factos cinematográficos. O que é preciso?

PRODUZIR, isto é AUMENTAR AO MÁXIMO A PRODUÇÃO DE FILMES NACIONAIS, desenvolvendo a capacidade e melhorando o apetrechamento da indústria cinematográfica local. Êsse esfôrço desenha-se, define-se, concretiza-se e basta apenas, no caminho que as coisas vão tomando — PERSEVERAR.

Mas nem só aos produtores cabe um papel na DEFESA URGENTE dos interêsses cinematográficos. Aos distribuïdores e aos exibidores incumbe — factor importantíssimo — REGULAR CRITERIOSAMENTE O CONSUMO DE FILMES ESTRANGEIROS, para que os que já cá estão e os que ainda possam vir rendam para o máximo de tempo. Uns e outros devem COLABORAR «na solidariedade e na serenidade», de forma a diminuir a bitola estabelecida para expulsar do «écran» as fitas que se exibem. Uns e outros devem estudar fórmulas equitativas, não impondo os distribuïdores aos exibidores um determinado número nem uma determinada cadência de programas, não impondo os exibidores aos distribuïdores a retirada dum filme que daria mais algumas exibições com resultados razoáveis, embora inferiores aos habituais, mas que iriam GANHAR TEMPO, provendo à futura e INEVITÁVEL escassês de programas. Porque é aos distribuïdores e exibidores que compete principalmente cumprir o segundo mandamento nacional: ECONOMIZAR.

E a todos, produtores, distribuïdores, exibidores, profissionais de cinema, críticos e público, compete cumprir o quanto, aquêle que os levará a tomar iniciativas, a estabelecer acordos, a CUMPRI-LOS, a suportar os maus bocados, a não dizer nem fazer disparates, a não exigir o que não paga suficientemente: TER FÉ!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

NOTÍCIAS DA EUROPA

França

Os filmes anteriores a 1937 cuja exibição foi autorizada pelo C. O. I. C.

Uma das mais discutidas disposições do Comité de Organização da Indústria Cinematográfica, o organismo oficial de cinema de que Raoul Ploquin é o director responsável, foi sem dúvida a que o decreto de Junho dêste ano dava a conhecer relativamente à proibição de, a partir de certa data, serem passados filmes exibidos pela primeira vez até 1937, disposição tomada, segundo intuito dos legisladores, com o fim de proteger, pela limitação dos filmes em circulação, a indústria do cinema no que se refere tanto à distribuição como à produção, sobretudo esta última, em virtude da necessidade de aumentar a realização de filmes, de forma a dar satisfação às inevitáveis necessidades de exploração, assim forçadamente limitada.

O decreto, que é do teor seguinte: «A partir de 1 de Setembro de 1941, não poderá ser projectado em França, nos teatros cinematográficos, nenhum filme, seja qual fôr a sua nacionalidade, cuja primeira exibição em público tenha tido lugar antes de 1 de Outubro de 1937», tinha no entanto a seguinte ressalva, que tranquilizou, no entanto, aqueles que se viam assim impossibilitados de poderem voltar a admirar determinados filmes, dignos, por vários motivos, de retomarem a sua carreira nos écrans: «O director responsável poderá tomar medidas de excepção em favor de filmes cuja primeira representação em público seja anterior a 1 de Outubro de 1937, desde que a sua qualidade artística justifique uma excepção».

O decreto começou a entrar em vigor, como fôra anunciado, em Setembro passado. Algum tempo depois eram indicados os filmes anteriores a 1937, que a coberto da disposição acima referida eram autorizadas a voltarem a exibir-se. Eram cêrca de quarenta filmes, dentre os quais, por isso nos parecer de interêsse para os nossos leitores, damos os nomes de alguns dêsses «salvados», muitos dêles exibidos entre nós. Eis os seus títulos: O Miudo *produzido pelo nosso compatriota A. de Aguiar; o tríptico de Pagnol* Marius, Fanny, Cesar, *e* Angele *também;* Orage, *com Charles Boyer e Michèle Morgan;* Um Carnet de Baile, La Bandera, Maria Chapdelaine, *todos de Julien Duvivier;* Le Grand Jeu *(O Destino dos Homens),* A Quermesse Heróica *e* Pension Mimosa, *de Jacques Feyder;* A Batalha, Os novos Senhores, Mayerling, Vésperas de Combate, Sinfonia Incompleta, Le Bal, Maurin des Maures, O Romance de Margarida Gautier, *com Ivonne Printemps,* Pasteur, La Route est belle, *um dos primeiros filmes sonoros franceses, exibido em 1931 no S. Luiz,* Um grande Amor de Beethoven, *com Harry Baur,* Nitchevo, À Nous la Liberté, *o único permitido de René Clair;* La Maternelle, *de Jean Benoit Levy, e* As Pérolas da Coroa.

Nessa lista, que como dissemos se compõe de quarenta produções, faltam completamente os filmes estrangeiros, sem distinção de países, à excepção de Pasteur, *da Warner Bros., cuja inclusão está naturalmente indicada por se tratar duma obra focando, de forma absolutamente digna, uma grande figura da Fança.*



Danièlle Darrieux

Os novos filmes de Danièlle Darrieux

Danièlle Darrieux foi, entre as grandes vedetas da tela do seu país a que primeiro voltou, com tôdas as honras e o prestígio da sua glória, à sua brilhante e cheia carreira cinematográfica.

Divorciada pouco tempo antes de Henri Décoin, que foi sem dúvida um dos grandes obreiros da sua popularidade, êsse acidente sentimental nada prejudicou a sua camaradagem — para alguma coisa devia ter servido a ambos a atmosfera de Hollywood... — foi êle mais uma vez quem a dirigiu em «Son Premier Rendez-vous», ao lado do novo galã Louis Jourdan, filme agora apresentado em Paris com êxito assinalável.

Num novo filme vão os ex-esposos trabalhar, também para a Continental-Films, a sociedade produtora franco-alemã. Intitula-se «Caprices» e o seu argumento, como o fôram já «Porque bates coração» e aquele, é da autoria de Michel Duran, jovem dramaturgo, jonalista de talento e polemista vigoroso que foi — ironia do destino! — um dos seus maiores inimigos quando ela voltou da América, zurzindo-a impiedosa e injustamente, nas colunas do jornal em que escrevia.

«Madame Sans Géne, está concluída

A nova versão cinematográfica da obra famosa de Victorien Gordon e Emile Moreau, que tem sido por variadas vezes levada ao cinema desde que o celebrado Film d'Art de 1908, se lembrou de a transportar para o celulóide, acaba de ser concluída nos estúdios de Paris.

O filme que é a mais importante grandiosa e imponente realização do cinema francês depois da guerra, foi realizado por Roger Richebé, um nome que apareceu logo no início do sonoro em França, e tem por intérpretes principais Arletty na famigerada Catherine Hubsder, a valente e destemida alsaciana, depois duqueza de França; Albert Dieudonné, que foi o Grande Corso no majestoso filme de Abel Gance e que volta a ser aqui um Napoleão mais idoso; Aimé Clariond no temível Fouché, Henri Nassiet no Marechal Lefebre, duque de Dantzig e Maurice Escaude em Neifferg.

Como se sabe, em 1925 a Paramount realizou em França, com Léonce Perret como realizador, uma «Madame Sans Gêne» que teve por protagonista Gloria Swanson, então no apogeu da sua carreira. A título de curiosidade vamos dar os nomes dos actores que fizeram então alguns dos principais papéis: Emile Drain, um especialista na composição de Bonaparte, foi uma vez mais Napoleão; o marido da vivandeira, marechal Lefebre, foi o Charles de Rockfort; Warwick Ward, que «Variedades» popularizou, foi por sua vez, o general Neifferg.

Actividade nos estúdios

● *MELODIE POUR TOI, que Willy Rozier realiza, é interpretado por René Dary, Gisele Previelle e Gaby Sylvia.*

● *Em Nice, nos estúdios da Nicéa Films, o realizador Robert Bibal dirige BELLE VIE, segundo um «scenario» do conhecido romancista Pierre Nord, que tem por intérpretes Claude Dauphin, Janine Darcey, Andrex, Gerard Landry e Jean Daurand.*

● *LE VALET-MAÎTRE, a peça de Paul Armond e Leopold Marchand, adoptada ao cinema por êste e por Albert Guyot, vai ser interpretada por Henri Garat, Elvire Popesco, Marguerite Deval, Roger Karl, Georges Mauloy e René Genin.*

Inglaterra

Nos Estúdios de Londres trabalha-se intensamente

Os estúdios da região de Londres, insensíveis à guerra e às dificuldades a ela inerentes, prossegue afanosamente a sua actividade produtora, empregando técnicos e artistas e lançando caras novas no mundo da tela.

Dessa actividade, dêsse trabalho incessante, vamos dar nas linhas que se seguem, uma pequena amostra, indicando títulos e intérpretes de filmes últimamente em realização nos estúdios ingleses.

● Sarah Churchill, a filha do Primeiro Ministro inglês, actriz de teatro e vedeta de cinema, depois de ter feito «Who's Your Lady Friend» e «Spring Meeting» é a intérprete, ao lado de seu marido, o actor Vic Olivier, do filme HE FOUND A STAR.

● SPELLBOUND, um filme em que o espiritismo tem um papel de preponderância, produzido pela United Artists, foi dirigido por John Harlow e tem por intérpretes Derek Farr, Vera Lindsay, Frederick Leister, Gibb Mc Laughlin, Diana Hilton, Diana King, etc.

● A B. B. C. é, pode dizer-se, a vedeta do filme FACING THE MUSIC, uma produção que tem a rádio inglesa e as suas principais estrêlas por assunto, aliado a uma história de espionagem. Clichi Bouchier, que é com tôda a sua vivacidade e encanto uma espia, e Bunny Doyle, um actor que se parece muito com George Milton, vivendo a figura dum operário duma fábrica de munições são os protagonistas do filme de que Maclean Rogers é o director.

● Ben Lion, o marido de Bebé Daniels no papel dum jornalista americano, Ann Dvorak, a vedeta americana que se celebrizou no «Scarface» e está há tempos em Inglaterra e Griffith Jones no papel de um oficial do Inteligence Service, são os protagonistas do filme da Warner Bros. YOU CAN'T ESCAPE FOREVER, cuja acção se passa em Paris pouco tempo antes da entrada das tropas alemãs na cidade.

● O popular cómico Will Hays é o protagonista da comédia THE BLACK SHEEP OF WHITEHALL no papel dum homem com o mesmo nome de uma personagem muito importantante, ponto de partida para as mais estravagantes situações. Thora Hird, no papel de secretária do homem importante, Basil Sidney, John Mills, Felix Aymler, Frank Cellier e Joss Ambler tomam parte também.

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

HISTORIA BREVE
DOS 53 NÚMEROS DO NOSSO JORNAL

N.º 29 Dá-se a boa e sensacional notícia de que à data da saída do número se encontram *10 filmes portugueses em pleno andamento:* 3 filmes de enrêdo de grande metragem, 3 documentários de grande metragem, 3 documentários curtos e 1 jornal de actualidades. (Nota: o nosso director intervinha directamente em 6 dêsses 10 filmes; e todos êsses se encontram já concluídos. À chamada faltam apenas, por enquanto, as duas produções da Tobis Portuguesa, «Lôbos da Serra» e «Ala, Arriba».) — Um artigo de fundo intitulado *A Árvore das Sardinhas* lembra ser indispensável colocar cada um no seu lugar dentro da indústria cinematográfica nascente, aproveitando as respectivas aptidões, sem trocar os papéis.

N.º 30 Arbitra-se a querela entre as duas *Marias da Graça* (uma da Rádio, outra do Cinema) crismando a segunda de *Graça Maria*, para evitar confusões. — Acrescentam-se mais 2 filmes à lista de 10 publicada no número anterior.—Preconiza-se para o Cinema Português a divisa do Grandella, última frase do diálogo de «O Pai Tirano». *Sempre por bom caminho e segue!* — Noticia-se a partida para a Alemanha de Leopoldo Fernandes, como correspondente do «Animatógrafo».—Evoca-se a *Invicta Filme*, primeira organização portuguesa de produção contínua, com sede no Pôrto. — Fraga, do seu cantinho habitual, condena o *individualismo* e o *isolacionismo* no Cinema.

N.º 31 Anuncia-se a segunda Produção A. L. R. ainda para 1941. — Recorda-se, no «fundo», que a profissão de cinematografista é, antes de mais nada, uma *profissão de fé*. — Noticia-se a chegada a Lisboa de Lilian Harvey, uma das vedetas predilectas do nosso público, e de Louis Jouvet, o grande actor e homem de teatro francês.

N.º 32 Dá-se notícia da organização dum *Serviço de Selecção de Intérpretes* na Prod. A. L. R., destinada a recrutar figurantes e actores para os filmes portugueses daquela organização. — Publica-se uma entrevista com Aquilino Mendes, em que aquele operador, recem-chegado do Brasil, fala do Cinema no grande país irmão e dos portugueses que lá trabalham. — Inserem-se fotografias de grande interêsse sôbre a estadia de Lilian Harvey em Lisboa e insinua-se a possibilidade dela vir a trabalhar num filme português. — Augusto Fraga despede-se dos seus leitores, dando por terminada a secção *Ver, Ouvir... e Falar* onde abordou com grande clarividência e pertinência os principais problemas morais do Cinema Nacional.

N.º 33 Noticia-se que a média atingida pela inscrição no Serviço de Selecção de Intérpretes da Prod. A. L. R. é de 100 pessoas por dia. O ante-título diz tudo: *Reabilitação dum sistema desacreditado.* — Dá-se como provável que seja «O Pátio das Cantigas» o segundo filme a produzir por aquela firma. — A. L. R. comunica num almôço íntimo aos seus colaboradores, que está assegurada a continuïdade na produção nacional. Domingos Mascarenhas chama a êsse almôço *Conselho de Guerra* e escreve, em artigo de fundo: *É preciso que todo o Cinema Português passe a «viver habitualmente» — como Salazar quer que viva Portugal.* — Acácio Leitão publica um artigo de clara visão intitulado *Encontros e Desencontros do Cinema Português com Portugal.* — Dá-se a notícia de que terminaram os «interiores» de «Ala, Arriba!».

N.º 34 *Portugal já não é o último!* — é o título e a afirmação basilar do artigo de fundo. Em face dos resultados de 1941, Portugal passará do 13.º para o 9.º lugar dos países produtores de filmes, tomando por base as cifras de 1938, que a guerra veio alterar consideràvelmente. E A. L. R. demonstra que, assegurada a expansão natural dos filmes portugueses no Brasil, em Espanha e nos países de língua espanhola, o mercado português abrangerá 145 milhões de indivíduos, que tantos são os que falam as duas línguas. — Fernando Fragoso entrevista Pola Negri e Carvalho Nunes faz as seguintes *Reflexões: Persistir é muito mais que durar, é teimar com inteligência... Continuïdade não quere dizer rotativismo...*

N.º 35 Na capa, a doçura portuguesa e a *espieglerie* fotogénica da nova «descoberta»: Leonor Maia, a Tatão do «Pai Tirano», cujas filmagens começam nesse mesmo dia. — Reconhece-se, em fundo, a *Necessidade do êxito*. — Anuncia-se a segunda festa do «Clube do Animatógrafo».

N.º 36 Publica-se a reportagem da primeira volta de manivela do *Pai Tirano*. — Domingos Mascarenhas, num fundo intitulado *A invasão indesejável e indispensável*, comenta um artigo do Doutor Agostinho de Campos: *O Cinema invasor*, em que o insigne moralista escreve: *«...de duas uma: ou temos ganas para fazer sòzinhos cinema nacional que preste, e dure, e conte para variarmos do outro; ou será preciso «contingentar» a invasão ,obrigando os nababos de além-mar a ajudar a gente ver-se ao menos em parte livre dêles.* — Dedica-se um justíssimo artigo, na página central, à carreira de Arthur Duarte, que, no «Pai Tirano», reaparece como actor.

N.º 37 Comunica-se que a *Viagem do Chefe do Estado aos Açores*, à semelhança das anteriores viagens presidenciais, vai ser filmada, e salienta-se o facto do Estado, sobretudo por intermédio do S. P. N., não perder uma só oportunidade de fixar pelo cinema os grandes acontecimentos da vida nacional. E volta a insistir-se na oportunidade de criar uma *Tôrre do Tombo cinematográfica*, onde êsses documentos inestimáveis se arquivem e conservem convenientemente.

N.º 38 Mota da Costa insurge-se contra o mau português que se tolera em legendas e letreiros, citando o ridículo aleijão. *Fala êle mesmo. E ninguém pede a Hollywood que emende o letreiro e o redija no português mais simples e correcto!* Perdão... Pede-o «Animatógrafo»... — Descreve-se a pesquisa por intermédio do S. S. I. da Prod. A. L. R., das candidatas susceptíveis de interpretar um papel de certo relêvo no «Pai Tirano»: *À procura da Menina Amélia.* Uma das inscritas, Nelly Esteves, foi escolhida, e iniciou a sua carreira cinematográfica. Nem tudo são espinhos e nem tôdas as ilusões se tornam desilusões...

N.º 39 Alarga-se o Serviço de Selecção de Intérpretes da Prod. A. L. R. aos candidatos da Província, dando as instruções necessárias à inscrição. — Domingos Mascarenhas escreve, num fundo que intitula *Os Bois adiante do Carro: «Há muito que defendemos a opinião de que o cinema português não deve esperar o seu desenvolvimento de esforços ou sacrifícios alheios, mas sim dos seus próprios esforços, do seu suor, do seu trabalho, da sua luta. A natureza e a história ensinam-nos a cada momento que só abre caminho, prospera e vence quem conta consigo, com o seu ânimo e com a sua fôrça, quem sabe transformar em actos e realidades a sua fé e a sua esperança».*

N.º 40 Publica-se a reportagem do 2.º espectáculo do Clube do «Animatógrafo», salientando-se o seu êxito indiscutível. — Em artigo de fundo Fernando Fragoso trata do importantíssimo problema dos cinemas da província, concluindo com estas palavras exactíssimas: *Está em jôgo, pelo menos em certas salas da Província, o prestígio da Arte e do Espectáculo — e, o que é mais grave, o da própria indústria cinematográfica nacional.* — Acácio Leitão continua a série dos seus artigos sôbre «Coimbra fotogénica» — que é como que um anúncio da realização de «A República dos Pardais». — O cinema italiano e o cinema alemão são o tema de dois artigos publicados neste número. — *«O Senhor Grilo também é gente?* é o título do resumo da discussão travada entre os redactores do «A» quando se pôs o problema da candidatura de «Pinocchio» e do «Sr. Grilo» à Taça e à Medalha para a melhor interpretação masculina do ano.

N.º 41 *Quatro filmes portugueses, quatro realizadores, quatro aspectos da vida portuguesa*, proclama uma grande reportagem sôbre a realização do «Ala, Arriba!» de Leitão de Barros, dos «Lôbos da Serra» de Brum do Canto, e do «Pai Tirano» de A. L. R. e sôbre o projecto de Manuel de Oliveira relativo ao «Aniki-Bóbó» que será a 5.ª Produção A. L. R., conforme se anuncia no presente número. — Augusto Fraga pede, no artigo de fundo, que os diálogos dos filmes nacionais sejam escritos em *Português sem calão*. — Noticia-se que as autoridades espanholas negaram o «visto» ao guião de Rafael Sabatini para o filme sôbre Cristóvão Colombo que Gabriel Pascal se propunha dirigir.

N.º 42 Publica-se uma interessante carta de Louis Jouvet para o actor Alves da Cunha. — Domingos Mascarenhas afirma, no editorial, que *Sem êxito não há cinema!*, insurgindo-se contra certas teorias nefelibatas que mascaram intuitos mais ou menos inconfessáveis. — Manuel Luiz Vieira, o operador que acompanhou o Chefe do Estado aos Açores, conta o que foi essa jornada histórica. — Incitam-se os sócios do Clube de vem assinar o «A». *«A compensação que lhes pedimos* — diz-se-lhes — *é no entanto mínima, pois não representa aumento de encargos mas apenas apoio à nossa revista, base imprescindível do Clube na sua actual constituïção».*

N.º 43 *«Terminam esta semana as filmagens de «O Pai Tirano»* — noticia-se na página 3 dêste número. — Raúl Faria da Fonseca entrevista Ariel L. Varges, célebre operador de actualidades. — Acácio Leitão dirige-se aos realizadores portugueses para lhes recomendar *Cuidado com a ficção!* — isto é, para lhes pedir que reproduzam, nos seus filmes, a nossa terra e o nosso povo com *autenticidade*.

N.º 44 Saint Léonard, o montador de «Ala, Arriba!», técnico francês de comprovada competência, fala ao «A». — Fernando Fragoso entrevista Anna Neagle e Herbet Wilcox, à sua passagem por Lisboa. Os dois mostram-se muito admirados quando sabem que em Portugal, ao contrário dos outros países, fizeram muito maior êxito os seus filmes sôbre a Raínha Vitória do que «Irene» ou «Não, não, Nanette». — O Cinema Português continua: três filmes em montagem e um em preparação.

(Conclui no próximo número)

"ANIKI-BÓBÓ"

Filme de Manuel de Oliveira para a Prod. A. L. R.

(Conclusão da pág. 3)

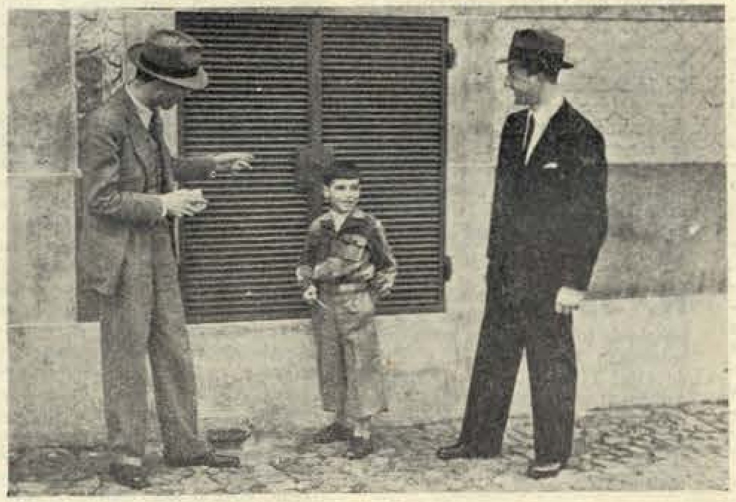
feitas para se entenderem e colaborarem.

A primeira condição imposta *por A. L. R. a M. de O.* foi de que M. de O. realizaria *Aniki-Bóbó* tal como êle, seu autor, o havia concebido, livre de quaisquer preocupações a que é costume chamar «comerciais». Porque a fôrça «comercial» dum filme reside nas suas qualidades de espectáculo e não na transigência sistemática com o que se imagina serem as preferências da maioria. E, diga-se o que se disser, A. L. R. não transigiu nem transigirá com elas em nenhuma das suas obras, nem mesmo nas que resultem *populares*...

Aniki-Bóbó será um filme quási exclusivamente interpretado por crianças, miúdos do Pôrto, que Manuel de Oliveira escolheu e está ensaiando, pacientemente, há vários meses. A história, altamente moralizadora, é um estudo profundo sôbre a psicologia infantil, através duma anedota interessantíssima, cheia de episódios de grande beleza e pitoresco.



Do terraço do Adro da Sé, no Pôrto, A. L. R. e Manuel de Oliveira (em eclipse...) discutem localizações para o novo filme.



Diante da montra que há-de servir à «Loja das Tentações» A. L. R. e M. de O. verificam a «escala» que convém aos intérpretes miúdos

A escolha dos locais

A. L. R., quando da estreia no Pôrto de «O Pai Tirano», avistou-se longamente com Manuel de Oliveira. Visitaram ambos, juntamente com António Mendes, todos os locais onde decorrerá a movimentada acção de *Aniki-Bóbó* — margens do Douro, bairro da Sé, etc.



Outro problema da «escala». A. L. R. e o operador António Mendes vêem as proporções dum chafariz que há-de aparecer na fita

Algumas das cenas já foram filmadas em formato reduzido, sistema excelente que M. de O. adopta para fazer ensaios de montagem.

Passou-se revista ao elenco de petizes, todos do Pôrto, e alguns dos quais prometem revelar invulgares qualidades interpretativas. Os ensaios prosseguem. As decorações estão planeadas pelo arquitecto portuense José Pôrto. As filmagens devem começar no próximo Janeiro, *simultâneamente com as de «A Mantilha de Beatriz»*.

Como «Animatógrafo» não se cansa de afirmar, com o sentido claro das responsabilidades que o caracteriza, o Cinema Português entrou, na sua *fase definitiva* de produção contínua. Só por ela é possível chegar à sua *forma definitiva*, de estilo e de qualidade.

A invariável banalidade de outros tempos

Não queremos, de nenhum modo, considerar desdenhosamente as outras épocas vividas pelas antigas gerações, mas sentimos uma certa pequena comiseração por aqueles pouco afortunados seres que existiram na ininterrupta banalidade dos outros tempos pela carência absoluta das maravilhosas luminosidades do cinema. É certo que a escassez da gasolina obrigou o mundo a dar uma meia-volta inesperada no progresso. Certos lugares maculados pela fumarada dos motores de explosão voltaram a ser tranqüilas paisagens. O homem foi obrigado, novamente, a procurar os animais para se transportar de um sítio para outro.

O cavalo, o boi, a avestruz — foram os primeiros veículos inventados pela pressa humana. E a êles parece que tem de voltar o homem, agora que a gasolina se torna objecto de luxo, de modo a que as estradas poéticas da Suiça perdem os ruidos característicos dos seus turistas, as gondolas tornaram a imperar nos canais românticos de Veneza e, na Madeira, os bois de carne e ôsso substituiram os cavalos dos automóveis...

Se é certo que a humanidade, em conseqüência dos bombardeamentos aéreos, foi obrigada a atrazar o tempo de alguns séculos, não é menos verdadeiro que ainda não voltámos à vulgaridade do viver de antanho, aos limitados conhecimentos do mundo e à invariável monotonia das públicas expansões daqueles dias. Ainda não temos donzelas pálidas, como em 1830 — salvo se os industriais da guerra encontrarem, de um momento paa o outro, aplicação para o «rouge» na preparação de obuzes. E isso, graças ao cinema, maravilha criada pelo homem com perfeição admirável. Sem a máquina mágica de projecção, com que contam hoje, afortunadamente, as gentes civilizadas, a total multidão dos povos jàmais pôde antes saber pela visibilidade evidente o que acontecia nos quatro cantos da Terra. Ùnicamente, as caprichosas páginas de um livro, mais ou menos histórico, ou a ficção teatral, que, àparte o mérito literário das obras, foi sempre risível pela sua simulação infantil de muros de cartão, — deram ao leitor e aos espectadores uma falsa e incompleta impressão dos séculos passados e das inquietas actividades presentes. Talvez, por isso, em remotas ocasiões, a massa humana vegetou no fastidioso ram-ram de um eterno quotidiano cheio de erros, de surprêsas desfavoráveis e sensaboronas.

Êste entusiasmo é lógico e compreensível. O mais exíguo pedaço de celulóide impressionado tem um incalculável valor de inteligência, de fabuloso caudal invertido e de interessantes revelações ansiosamente esperadas. Pensemos, por um momento, com horror, o que seria para nós o regresso às tristes épocas obscuras em que não se haviam revelado ainda os prodígios incomparáveis do cinema! Nem prazenteira visão terrena, nem emoções da alma, à vontade. A mente e os olhos, outra vez, reduzidos ao triste desconhecimento do mundo invisível.

Justifica-se, portanto, o nosso grande aprêço por essa maravilhosa forma de expressão. Porque ela não tem só palavras, não é só mercantil. O cinema pensa. Já não é a criancinha estouvada a brincar com figurinhas de celulóide, nem o adolescente, apenas malicioso e sensual, «voyeur» viciado em espiar pelo buraco da fechadura as intimidades de alcôva, em folhear furtivamente os volumes proibidos da História Secreta, em intrometer-se nas «caixas» dos teatros de revista e aproveitar-se da barafunda dos bastidores para beliscar, à sucapa, as pernas das «girls». Não. Numa acentuada maioridade, o cinema pensa quando quere. Estuda, observa, reflecte, deduz, conclui e ensina. «As Mãos e a Morte», a arrojadadíssima experiência de «O Mundo a seus pés», e tantas outras obras, são exemplos bons dessa atitude inteligente que já frutificou. São obras de pensamento. E isso basta!

AUGUSTO FRAGA

MONTAGEM RÁPIDA DE NOTICIAS FRESCAS

O dr. RODRIGUES PINTO, administrador-delegado da Tobis Portuguesa partiu há dias para Berlim.

Esta visita à capital alemã não deve ser estranha a um futuro desenvolvimento da actividade dos estúdios da Tobis Portuguesa.

★

Foi entregue à Produção António Lopes Ribeiro um argumento de ADOLFO COELHO, que foi aceito e será realizado por A. L. R. Ribeirinho será o protagonista.

★

Com o mestre de armas Herculano Pimentel, começaram já os artistas Oliveira Martins e Barreto Poeira a treinar-se para os emocionantes e entusiásticos duelos que são necessários para algumas das mais importantes cenas de «A MANTILHA DE BEATRIZ».

★

Volta a falar-se na possibilidade de «GONE WITH THE WIND» ser exibido em Lisboa ainda esta temporada.

ARTUR DUARTE

vai realizar um filme para a Tobis Portuguesa extraído duma comédia de João Bastos:

«O Costa do Castelo»

Maria Matos, Hermínia Silva e Teresa Casal vão interpretar os principais papéis



Logo que terminem as filmagens de «O Pátio das Cantigas», que neste momento ocupam os dois «plateaux» e uma grande área dos terrenos anexos nos estúdios da Quinta das Conchas, a Tobis Portuguesa, que está produzindo, como é sabido, dois filmes, um de Leitão de Barros («Ala, arriba!») e outro de Jorge Brum do Canto («Lobos da Serra»), entregará a Artur Duarte a realização dum novo filme português: «O Costa do Castelo».

Não se sabe se será êsse o título definitivo da película. Mas é a comédia teatral de João Bastos que tem o mesmo nome que serve de base ao filme em preparação.

O realizador de «Os Fidalgos da Casa Mourisca» já escolheu os intérpretes principais: Maria Matos, Laura Alves, Hermínia Silva, Teresa Casal e possivelmente Assis Pacheco.

As filmagens devem começar em Dezembro e o operador deverá ser Aquilino Mendes.

O nosso colaborador Fernando Fragoso, de colaboração com o comediógrafo João Bastos, procedeu à adaptação cinematográfica de «O Costa do Castelo». Com êstes estão a trabalhar na planificação, Artur Duarte e Saint Leonard, que foi o montador de «Ala, arriba!», e será o conselheiro técnico do novo filme da Tobis Portuguesa.

As maquettes dos cenários são de Raúl Faria da Fonseca e as decorações de Antero Faro.

Oxalá, pois já não é sem tempo e encontramo-nos ansiosos por o ver.

★

Em Dezembro próximo vai realizar-se mais um CONCURSO NACIONAL DE FILMES DE AMADORES, desta vez organizado pelo Clube Português de Cinema de Amadores.

Vamos lá a ver o que aparece...

★

No último número de «OBJECTIVA», revista técnica da especialidade, lêmos um curioso artigo sôbre a possibilidade de se fazer CINEMA EM RELÊVO com filmes de formato reduzido e os resultados que um amador obteve.

Por êste andar o melhor será os profissionais passarem a utilizar o chamado filme de amador porque parece que êste leva a palma ao filme de 35 m/m.

★

ANTÓNIO SILVA foi convidado para desempenhar o protagonista do novo filme «O COSTA DO CASTELO». Porém, o seu contrato com a Prod. A. L. R. não lhe permite trabalhar, por enquanto, para qualquer outra emprêsa. É natural que depois de «O Pátio das Cantigas» volte a aparecer no *écran* desempenhando uma das poucas figuras de «pessoas crescidas» no filme que será realizado por Manuel de Oliveira, «ANIKI-BÓBÓ».

★

A explêndida EXPOSIÇÃO DE ARQUITECTURA ALEMÃ na Sociedade Nacional de Belas Artes, foi filmada afim de figurar num dos próximos noticiários de U. F. A.

★

Uma boa notícia para os cinéfilos portugueses:

Já se encontra em Lisboa a nova aparelhagem para registo de som sistema Klangfilm, recentemente adquirida em Berlim pela LISBOA-FILME.

★

Em virtude do acôrdo cultural Luso-Brasileiro é natural que o JORNAL PORTUGUÊS da S. P. A. C. passe a ser editado com mais freqüência.

Parabéns aos operadores portugueses.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

Victor Mature, o novo ídolo americano, é o parceiro de **Alice Faye** no filme da **Fox «The Bowery Nightingale»**



Victor Mature

Victor Mature, o actor que vimos já entre nós em «No, No Nanette», em «Um Milhão de Anos Antes de Cristo», «Capitão Invencível», é hoje uma das figuras mais populares, em tôda a América, quer entre os «fans» do Continente, quer entre os freqüentadores dos teatros de Broadway, onde normalmente decorre grande parte da sua actividade, pois goza ali de enorme prestígio. Em Hollywood terminou êle recentemente dois filmes em que trabalhou quási simultâneamente «Shanghai Gesture«, com Gene Tierney, de que já falámos oportunamente, dirigido por Joseph von Sternberg para o produtor Arnold Pressburger, do grupo dos United Artists, e «Hot Spot», para a 20th Century Fox. Neste filme, que o encenador Bruce Humberstone dirigiu e Edward Cronjager fotografou, aparecem ao lado do novo ídolo dos cinéfilos, ou melhor das cinéfilas da terra do Tio Sam, a belíssima Betty Grable, Carole Landis, que nos apareceu já em «A Dança dos Sexos» e que presentemente está a ter grande público, Laird Gregar, o planturoso amigo de Paul Muni em «Baía do Hudson», Elish Cook Jor., o conhecido Alan Mowbrag, William Gargan, que foi o outro no filme do mesmo nome e a loira Allyn Joslyn.

É êste o primeiro filme de Victor Mature para a Fox, com quem assinou um contrato pelo qual se compromete a fazer naquela emprêsa dois filmes por ano. O novo galã está ligado também, à RKO e ao produtor Hal Roach.

O próximo filme de Victor Mature será produzido pela 20th Century-Fox logo que termine a carreira da peça «Lady in the Dark», grande êxito actual de Nova York em que Mature aparece. Intitula-se êsse filme «The Bowery Nightingale» e dêle será protagonista a actriz insinuante e excepcional cantora que é Alice Faye, que neste momento triunfa muito justamente em «Uma Noite no Rio».

A acção de «O Rouxinol de Bowery» decorre em Nova York em fins do século passado, no tempo das sufragistas e dos cabarets, na época pitoresca e tumultuosa de Jimi Jeffries e de Diamond Jim, quando Bowery era o bairro mais turbulento e divertido da grande capital, precisamente a mesma em que decorria a acção de Lilian Russell, a «Raínha da Canção» de que Alice Faye foi também com justeza e propriedade, a protagonista.

Ann Sheridan e **Humphrey Bogart** juntos num filme da **Warner**

A belíssima Ann Sheridan, de quem neste número damos uma linda fotografia na capa de «Animatógrafo, é hoje uma das mais populares actrizes do grupo dos intérpretes dos Irmãos Warner, mesmo aquela que mais correio cinéfilo recebe no «lot» de Burbant. Por isso mesmo a sua actividade ante a câmara é grande, sucedendo-se os filmes em que aparece, uns após outros.

De facto, tendo há cêrca de um mês terminado o filme «The Kings Row», que Sam Wood, o grande realizador de «Kitty Foyle» dirigiu, e em que teve como parceiros Ronald Reagan, de quem há pouco publicámos o retrato em separata, Robert Cummings, a excelente característica russa Maria Ouspenskaya, Harry Davemport, o famoso e encartado juiz da tela, Ernest Crossart, Judith Anderson, que foi a governante de «Rebecca» e Charles Coburn, o milionário de «O Diabo e a Menina», e de ter depois aparecido em «The Man Who Came to Dinner» ao lado de Bette Davis, começou já a trabalhar para a Warner Bros, no filme «Nobody Lives Forever», original do romancista W. R. Burnett, e em que terá como perceiro Humphrey Bogart, que há pouco vimos no Politeama, e que naquele filme terá um papel absolutamente diferente daqueles em que estamos habituados a vê-lo.

Edward Everett Horton protagonista de um «filme de terror» da **Warner: «The Black Widow»**

«The Black Widow» é como se intitula o filme da Warner Bros., recentemente saído da produção, que apresenta a particularidade muito especial de proporcionar a Edward Everett Horton, o conhecido e irresistível comediante, um papel completamente diferente do que até agora nos habituara. Como se sabe, *Black Widow* ou seja em português *Viuva Negra* é o nome por que é conhecido o mais perigoso aracnídeo que se conhece, uma aranha cuja picada é irremediàvelmente mortal. De tal forma que a única que existe na Europa, no Museu de História Natural de Londres tem a sua instalação construída de forma que à primeira tentativa de fuga, pràticamente impossível aliás, ela seria automàticamente destruída, de maneira a não poder causar o menor dano, que de contrário essa liberdade provocaria.

O argumento, em que há qualquer coisa de macabro, tem o seguinte ponto de partida: Jeffrey Lynn é um jovem estudante muito rico a quem os seus amigos oferecem um banquete de despedida, em virtude de se casar no dia seguinte. Durante o banquete bebe demais e fica, por isso, sem dar acôrdo de si. Um dos seus amigos, estudante de medicina, tem a peregrina ideia, que todos aprovam, de o levar em charola para o anfiteatro de anatomia da Universidade que todos cursam, deixando-o numa das mesas de mármore. No edifício da Universidade vive um professor meio maluco, Edward Everett Horton, por antonomásia chamado a Viuva Negra, que se dedica a misteriosos estudos e estranhas experiências. Depois dos rapazes sairem, o professor com o seu criado fiel vem cautelosamente à sala de dissecação em busca de um cadáver onde possa experimentar a sua última descoberta, um sôro que faz voltar à vida. Escusado será dizer que o escolhido é precisamente Jeffrey Lynn e que daí em diante se passam as mais estravagantes acontecimentos que formam a base do argumento mais ou menos fantasista, como se calcula.

Além de Jeffrey Lynn e Edward Everett Horton aparecem ainda Jane Wyman, Willie Best, o criado, Herbert Anderson e Marguerite Chapman como intérpretes do filme que Ross Luderman dirigiu e Allen G. Siegler fotografou.

George Marshall, o realizador de «A cidade Turbulenta», assinou contrato com a **Paramount**

Dentre os numerosos encenadores teatrais que têm feito a viagem de Broadway a Hollywood, desde Rouben Mamoulian a David Butler, passando por Harold S. Boucquet, George Cuckor, William Keighley, e alguns outros mais, conta-se o nome de George Marshall, que um único filme trouxe do quási anonimato para a grande notoriedade, a magnífica «Cidade Turbulenta», que há dois anos deslumbrou o meio cinematográfico.

George Marshall, que tivera no filme da Paramount, de ambiente misterioso «The Ghost Breakers», com Bob Hope e Paulette Goddard, o seu primeiro contacto com o cinema, fez depois aquele feliz «Destry Rides Again», para a Universal; «Pot O'Gold», há pouco apresentado entre nós com o título de «A Hora de Felicidade»; a película da Columbia, «Texas» e «Valley of the Sun», da RKO.

Agora vai Marshall voltar a trabalhar na companhia que lhe deu a sua primeira oportunidade em Hollywood, a Paramount, com quem assinou um longo e vantajoso contrato.

«FLASHES»

- *Loretta Young e Basil Rathbone foram proclamados, pelo American Institut of Voice Teachers como os possuidores da voz com mais personalidade. Nessa selecção, sempre realista, entram em jôgo vários elementos, como clareza, dicção, qualidade tonal, e até mesmo, quem diria, «sex-appeal». Loretta já em 1939 conquistara o título.*
- *O produtor J. Walter Ruben, marido da actriz Virginia Bruce, assinou com a Metro Goldwyn Mayer novo contrato.*
- A Republic, uma das mais *importantes companhias chamadas independentes, teve em 1940 um lucro líquido de 500.000 dólares. Para êste ano esperam os seus dirigentes alcançar um benefício de um milhão de dólares.*
- *William Holden, «leading-man» de Jean Arthur em «Arizona», renovou o seu contrato com a Paramount. O seu último filme para esta companhia foi «I Wanted Wings».*
- *Aldons Huxley, o conhecido homem de letras, autor de «Ponto e Contraponto» foi contratado pela 20th Century-Fox para escrever a adaptação cinematográfica da obra de Charles Morgan «A House of Peace», de que o produtor Mark Hellinger será o supervisor.*
- *Os dirigentes da RKO proibiram terminantemente a entrada no estúdio n.º 2 a tôda a gente incluindo os seus empregados, que não trabalham ali. A razão é simples — é nesse «plateau» que se procede à realização do filme «Gwangi», de acção pré-histórica e que está sendo produzido no maior segrêdo pelos mesmos técnicos a quem se deve «King Kong».*

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A GRANDE SINFONIA» (Sonoro-Filme)
— O momento da leitura da «Sinfonia Incompleta» por Beethoven (ALBERT BASSERMAN).

«COMPRA-SE UM MARIDO» (M. G. M.)
— A graça, os «gags», a densidade de espírito e ideias felizes do argumento.
— A encenação de CLARENCE BROWN.
— O acompanhamento musical de HERBERT STOTHART.
— Tôda a interpretação, especialmente a de JAMES STEWART.

«O DIABO É COVARDE» (Filmes Alcântara)
— O interêsse da história de HAROLD BUCHMAN, ROY CHANSLOR e CHARLES GRAYSON.
— A direcção PHILIP ROSEN.

«O GRANDE ESCÂNDALO» (Aliança Filmes)
— A magnífica interpretação de Rosalind Russell, cheia de mobilidade, de agilidade e de espírito.

«QUEM SE METE COM CRIANÇAS» (Filmes Alcântara)
— A presença adorável de BABY SANDY.
— A seqüência da lavanderia.
— O ambiente simpático de todo o filme.

«TRÊS FIGURAS DO MESMO NAIPE» (Paramount)
— A direcção de SAM WOOD.
— O interêsse do argumento em que há uma simpática ideia de justiça.
— O desempenho de FRED MAC MURRAY, ALBERT DEKKER e GILBERT ROLAND.
— A revelação de BETTY BREWWER.

«COMPRA-SE UM MARIDO»

(Come live with me)

«Compra-se um marido» veio recordar-me aquela espirituosa expressão que Jean Fayard, o crítico cinematográfico do «Candide», pôs em circulação há cinco ou seis anos: *«american marivauding»* — com a qual classificara certo género de comédias cintilantes de graça e de fantasia, de boa observação psicológica e de penetrante verdade humana, que Hollywood exportava nessa época, num alarde de espírito que não tinha rival em qualquer actividade cinematográfica de outra origem.

«A secretária de meu marido», de que os leitores certamente se recordam, apareceu-me nessa altura como o padrão do *«american marivauding»* — da *marivaudage* cinematográfica dos americanos. «Compra-se um marido», do mesmo realizador: Clarence Brown, alinha no mesmo plano, reatando definitivamente uma tradição interrompida durante alguns anos pela voga das comédias burlescas e extravagantes, hoje em franco declínio.

«Compra-se um marido» recomenda-se por um magnífico conjunto de qualidades que se manifestam no argumento e na forma como foi planificado e recheado de anotações maliciosas, do melhor quilate, e que continuam a evidenciar-se na encenação e na interpretação.

A história, embora só se possa contar em duas palavras, foi excelentemente imaginada e, principalmente, foi enriquecida e temperada com ideias famosas, *gags* felicíssimos, apontamentos da melhor crítica humana — como aquele mendigo «profissional», aquele espelho «côr-de-rosa», aquela avó cheia de senso-comum e os seus provérbios bordados, aquela ideia deliciosa dos pirilampos, e tantas outras. Uma delas merece referência àparte, pela importância de ordem moral, digamos assim, que tem na intriga. Refiro-me ao dilema que a heroína tem de resolver — e que resolve acertadamente — entre os dois futuros que se lhe oferecem: de um lado o luxo e o prazer, a paixão serôdia de um homem de meia idade, uma situação mais ou menos falsa, e por isso mesmo precária, instável — do outro uma vida provàvelmente sem grande desafôgo, mas simples e natural, nítida e clara, o amor de um rapaz solteiro, a estabilidade da sua família sã.

Não quero também deixar de salientar a cena entre o romancista, o editor e a mulher — verdadeiro achado, admiràvelmente marcada e representada.

Clarence Brown dirigiu o filme com a sua segurança habitual e a leveza com que sabe tratar assuntos de comédia. Tôda a encenação é de grande classe. Dos seus colaboradores o que mais se destacou foi Herbert Stothart, que compôs um dos seus melhores acompanhamentos musicais. Repare-se, por exemplo, no partido que soube tirar dos primeiros acordes da «Cavalaria Ligeira» de Suppé, logo na abertura do filme — espantosa, diga-se de passagem —, acordes que constituem depois o «motivo» do editor Kendrick.

A interpretação é, sem favor, excepcional. James Stewart, num papel que se ajusta ao seu temperamento, tem neste filme mais uma das suas boas criações. Hedy Lamarr, insinuante e certa, como sempre. Ian Hunter e Verree Teasdale fazem os outros dois papéis de relêvo com a correcção e o brilho a que já nos habituaram. Uma estreante de 80 anos, Adeline de Walt Reynolds, interpreta a figura da «Avó» com notável acêrto e persuasão. Duas pequenas mas excelentes rábulas foram entregues a dois dos tais artistas «secundários» de primeira ordem: Donald Meek (o mendigo «profissional») e Barton Mac Lane (o agente da polícia de emigração). — D. M.

«A GRANDE SINFONIA»

(New-Wine)

Novamente a vida de Schubert ofereceu assunto para uma obra cinematográfica. A popularidade da música do grande romântico e a sua vida sentimental, rica de paixão e de acidentes, tentam os produtores e os argumentistas porque, completando-se, constituem, uma e outra, matéria com grande possibilidade de dramatização e de despertar o interêsse do público. Começa, porém, a ser difícil arranjar alguma coisa de novo e de categoria, não só porque são já bastantes as fitas com o mesmo tema como também porque já vimos uma produção de grande categoria sôbre Schubert que foi, como devem estar lembrados, a «Sinfonia Incompleta».

O princípio da história de «A Grande Sinfonia» parecia prometer um trabalho de vigor e qualidade. Contribuíam para isso a execução da música e a apresentação original dos elementos do que parecia uma história e não passou, afinal, dum episódio.

Quando, se entra, afinal, na autêntica história da fita e Schubert, seu protagonista, começa a correr aventuras, o filme baixa nìtidamente de nível. Os cenários «exteriores» são muito descurados, a verdade história não tem nem o mínimo indispensável e o «miôlo» do argumento está falto de episódios, «frouxo» portanto, até sem oferecer aos actores motivos para as suas interpretações. Destas só merece referência especial, o Beethoven de Albert Basserman, se passarmos por alto certas incongruências, que não são do actor mas do argumento. Especialmente durante a leitura da Sinfonia Incompleta que é um grande episódio do filme, embora o único, o trabalho do grande actor é notável.

Billy Gilbert diverte-nos também com o seu trabalho, dentro do estilo, sempre igual que todos lhe conhecem. — F. G.

«QUEM SE METE COM CRIANÇAS»

(Little Accident)

Baby Sandy é indiscutìvelmente um amor de bébé. As suas gracinhas, os seus amuos, todos os seus gestos deixam enlevados adultos e infantes. Por isso mesmo os senhores da Universal retêm por bom preço esta simpática criança para a exibirem pelo mundo inteiro através dos seus filmes.

«Little Accident» é Baby Sandy. A intriga gira à volta de Baby Sandy, o fulcro de tôdas as cenas é Baby Sandy, todo o filme é Baby Sandy.

Aproveitou-se Huges Herbert, o excelente cómico, para valorizar a história mas êle pouco tem que fazer por o papel o não consentir. Florence Rice uma simpática Alice Pearson também tem pouco que mostrar do seu valor de artista embora exiba com exuberância a sua beleza e mocidade.

Paul Yawitz e Eve Greene, os adaptadores cinematográficos da peça original, tiveram algumas ideias interessantes como a seqüência que vai até à lavanderia. — J. M.

«O DIABO É COVARDE»

(Double Alibi)

Os filmes policiais, quando bem feitos interessam sempre.

Philip Rosen soube aproveitar com êxito os recursos do Cinema para a história dêste filme e apresentou uma obra que prende e entusiasma a plateia. Esta é a opinião da crítica, esta é decerto a opinião do público.

Logo de início nos encontramos em presença do criminoso, vimo-lo agir, supomos sempre que é êle e como não possuímos condições nem qualidades para detective e não estamos para decifrar charadas, vamos seguindo com interêsse a sua evolução e entusiasmamo-nos com o desenrolar da história. Por duas vezes supomos o protagonista ilibado de tôdas as culpas, por duas vezes o consideramos assassino e quando sabemos que já é autor de três crimes, zás tudo por água abaixo... êle é um homem honesto que vive embrulhado naquele complicado caso e o criminoso é nada mais nada menos do que um polícia.

É esta a base dos filmes policias. O desfecho é sempre uma surprêsa.

Double Alibi tem tôdas as con-

(Continua na pág. seguinte)

Cinema e «Teatro filmado»

A propósito de «O PAI TIRANO», Fernando Guerreiro publicou no «Diário do Alentejo» um judicioso artigo que muito nos apraz transcrever

No «Diário do Alentejo», de Beja, apareceu publicado no dia 31 de Outubro último sob o título «Teatro Filmado!», um artigo oportuníssimo e inteligente sôbre «O Pai Tirano», assinado por Fernando Guerreiro. Não resistimos à tentação de o transcrever na íntegra, por nos parecer que êsse colaborador do jornal alentejano põe com absoluta justeza e com a maior clarividência o problema versado — problema que tão embrulhado e desvirtuado tem sido por certos «conspícuos» plumitivos, mais ou menos «amadores» em assuntos do cinema e movidos por razões mais ou menos inconfessáveis.

Eis o artigo de Fernando Guerreiro — que temos muito prazer em reproduzir nas nossas colunas:

Teatro filmado!... Eis uma expressão agora muito em voga e que tem sido aplicada ao «Pai Tirano» por algumas pessoas, a quem o esfôrço feito para dar continuidade a uma indústria devia merecer um pouco mais de carinho e estar acima de certas vaidades pessoais.

Ouvir dizer «teatro filmado» é uma coisa que me confrange e que à fôrça de ser repetido chega a irritar-me!

Não recebi de António Lopes Ribeiro encargo de lhe defender o filme, nem êle o precisa, pois sabe fazê-lo muitíssimo bem. Se tomo esta atitude é porque ela me parece de justiça, e estou tanto mais à vontade para a tomar quanto é certo não dever favores a Lopes Ribeiro ou ter tão pouco o costume da adulação; já tenho até discordado dalgumas das suas opiniões!

... ...

Eu gostava que certos senhores me dissessem, antes de me explicarem o que é o tal «teatro filmado», gostava que me dissessem primeiro, repito, que entendem por cinema!?

Aposto que não mo sabem dizer apesar de, com um certo ar superior de quem é abalizado entendedor do assunto, chamarem a «O Pai Tirano» teatro filmado».

É apodítico que as intenções não são das melhores e é bom estarmos de pé atrás com estes cavalheiros! O cinema é uma arte muito complexa e como tal difícil de definir. Pode dizer-se que o cinema é a arte de expor em imagens com seqüência, lógica e ritmo, o assunto que se pretende.

Muito mais se poderia dizer ainda, mas, eu não quero bulir com a inteligência privilegiada dêstes senhores e por isso limito-me a explicar-lhes que há cinema onde há o plano com o respectivo enquadramento, onde há o ritmo das seqüências, onde há o ritmo da acção e onde a interpretação, quando a há, note-se, é feita de maneira a dar-nos o mais possível a idéia da realidade, quando essa interpretação não nos quere, é claro, mostrar um espectáculo num teatro como por exemplo no caso de algumas cenas de «O Pai Tirano», onde a grande maioria das personagens são furiosos dramáticos e que como o porco pensa na bolota (se é que os porcos pensam) êles vivem apenas para a arte de Talma.

Mas o filme não tem acção movimentada impossível de fazer em teatro? Tem! Aquela seqüência da corrida de Francisco Mega no Grandela não é soberba? As cenas da badalada no palco do teatro não são bem achadas e tipicamente cinematográficas? O diálogo entre a Tatão e o Mega na rua dos cartazes não o é também, assim como a marcha final?

O facto do intérpretes serem actores de teatro nada influiu, pois sempre que foi preciso êles souberam trabalhar com naturalidade — chamemos-lhe assim para não complicar — o que só prova a boa encenação.

Não há movimentações constantes da câmara, mudanças de ângulos e de enquadramentos durante todo o filme? Pois há, e são «aqueles», à falta de melhor por onde dizerem mal, fizeram agora o grande achado de «teatro filmado».

Concordamos que haja quem não goste, por aquilo não ser — passe o lugar comum — o seu género. Está bem! Os gostos não são iguais!

Agora que todos se dêem ao luxo de perceber de encenação cinematográfica — isso, mais devagar! António Lopes Ribeiro ao fazer «O Pai Tirano» pode não ter feito cinema puro, que nesta época de absoluto materialismo pouco interessa, mas fez com certeza cinema comercial, daquele que é preciso e bem o demonstra o êxito do filme não obstante a opinião dos «entendidos». E, digam-me que é preferível: cinema puro mal feito ou cinema comercial bem feito?

O cinema sempre se aproveitou de alguns processos do teatro e, como cinema, «O Pai Tirano» tem alguns dêsses processos, mas daí a chamar-se-lhe «teatro filmado» vai uma grnde distância.

Quanto a mim não se me dá afirmar que está ali cinema e cinema do melhor que se tem feito em Portugal, cinema que não nos envergonha já aos olhos de estrangeiros, cinema que abre largos horizontes à nossa indústria do filme.

A António Lopes Ribeiro e aos «tais» pouco interessará a minha opinião, e assim êle continuará — e faz muito bem — a produzir filmes como entender e os outros continuarão — e fazem muito mal a chamar-lhe como quiserem; porém, para que mais tarde se não diga que todos foram coniventes no mesmo crime, aqui deixo arquivadas estas linhas.

FERNANDO GUERREIRO

A FEIRA DAS FITAS

(Continuação da pág. 11)

dições para ser um bom filme policial e consegue-o.

Wayne Morris no pseudo-criminoso e Margaret Lindsay simpatiquíssima na jornalista apaixonada são os principais intérpretes dêste filme. — J. M.

Três figuras do mesmo naipe

(Rangers of Fortune)

Antigamente, Griffith e Cecil B. de Mille eram as duas grandes cabeças do cinema. Hoje, foram destronados por Sam Wood, Frank Capra, William Wyller, e outros. Quando vemos, portanto, um dêstes nomes a assinar um filme, logo o aceitamos como obra de real valor cinematográfico. Se o assunto não interessar, pelo menos, impor-se-á pelas suas qualidades cinematográficas. Eis o que pensámos ao ver anunciado no Olímpia êste filme de Sam Wood.

Já não é a primeira vez (nem será com certeza a última...) que vamos encontrar naquele popular cinema filmes de incontestável valia, que tinham o direito de ocupar lugar mais honroso. É conhecida a teoria dos «filmes comerciais ou não» — e é êsse o motivo porque tivemos de ver «Peter Pan» no Loreto; «Sadie Thompson», no Restauradores.

«Três figuras do mesmo naipe» é, de facto, um filme notável, que entusiasma e prende a atenção do público com a sua história plena de interêsse e emoção. Obra de envergadura, não só pelo interêsse do seu argumento, como pelo excelente tratamento cinematográfico. É obra de movimento. É a aventura de três românticos heróis, vagabundos das verdejantes planícies da Califórnia, verdadeiros cavaleiros-andantes que lutam pela justiça com todo o calor dos seus jovens e apaixonados temperamentos. Há nas suas figuras um idealismo, um propósito que lhes dá simpatia, ao restaurarem a justiça numa cidade arbitràriamente governada.

No desempenho destacam-se Fred Mac Murray, Albert Dekker e Gilbert Roland. Deve salientar-se, também, a pequenina artista Betty Brewer, que é uma autêntica revelação. — A. F.

O QUE QUERE CANTAR...

CANÇÕES DO FILME «UMA NOITE NO RIO»

Boa Noite

Boa Noite, night is done
So goodnight my lovely one
Soon every star will be an ember
And this, another kiss that we'll remember.
Boa noite ladyfair
Soon I'll dream and you'll be there,
Where I can hold you in my arms again, so
Boa Noite, until then.

Chica, Chica, Boom Chic

Come on and sing the chica, chica, boom chic
That crazy thing, the chica, chica, boom chic
Brazilians found the chica, chica, boom chic
They like the sound of chica, chica, boom chic
It came down the Amazon from the jungles
Where the natives greet everyone they meet
[beating on a tom-tom,
Boom, chiboom, boom, chiboom, chiboom
It don't make sense, the chica, chica boom chic
But it's immense, the chica, chica, boom chic
That's all you've got to say to chase the jin away
Chica chica boom, chica chica boom, chica chica
[boom chic.

I, yi, yi, yi, yi, I

I, Yi, Yi, Yi, Yi, i like you very much
I, Yi, Yi, Yi, Yi, I thing you're grand
Why, why, why is it that when I feel your touch
My heart starts to beat, to beat the band.
I, Yi, Yi, Yi, Yi, like you to hold me tight
You are too, too, too divine
If you want to be in someone arms tonight
Just be sure the arms you're in are mine.
Oh I like your lips and I like your eyes,
Would you like my hips to hipnotize you,
Si, si, si, si, si, si, see the moon above
Way, way, way, way way up in the blue
Si, si, si, señor, I think I fall in love
And when I fall I think I fall for you
I, Yi, Yi, Yi, si, si, si,
I, Yi, Yi, Yi can see, see, see that you're for me.

«ANIMATÓGRAFO» em Hollywood...

Negócios são negócios

pelo nosso enviado especial A. DE CARVALHO NUNES

Hollywood, 16 (Via aérea) — A primeira vez que aparece em público uma artista divorciada, um actor que acaba de assinar contrato... ou o enviado especial duma revista estrangeira — já se sabe que é no Ciro's.

Casa de chá, «bar», restaurante, «dancing»? Nada disso e tudo isso; simplesmente o Ciro's.

Foi aí que tive a sorte prodigiosa de conhecer Jack Hall, o homem mais bisbilhoteiro e, portanto, mais bem informado que conheci em tôda a minha vida, e ainda por cima duma memória fantástica, quási proverbial.

— «Jack, lembras-te quando nasceu o dente do siso à Shirley Temple?»

E êle lembra-se imediatamente.

Os «chás de caridade» do Ciro's são assim chamados porque deixam os convidados a pedir esmola. Vende-se um cálice de Pôrto (ou talvez não) pelo preço duma quinta na Régua.

Numa dessas elegantíssimas reüniões, mais conhecidas por «Hands up parties», estava eu, sòzinho, sentado a uma mesa, a olhar escandalizado para o Joel Mac Crea que defronte de mim espalitava os dentes, quando se acercou o Jack Hall em pessoa, muito senhor «da sua», a pedir para ficar na mesma mesa, visto já não haver nenhuma vaga.

Já mo tinham apontado como criatura bizarra, franco de opinião e com fumaças de rei da publicidade de Hollywood, título êste aliás muito pretendido aqui.

Rei não será, mas como disse trata-se de alguém excelentemente informado, e resolvi logo tirar partido da situação em favor da revista.

Feitas as apresentações, curioso como é, quis logo que lhe descrevesse Lisboa, a «única cidade da Europa aonde vale a pena ser accionista duma companhia de gás e electricidade».

Ora eu já não sou saloio por estas paragens e resolvi pintar a Lisboa amada com côres americanas. Só queria que me ouvissem...

Quando acabei por afirmar que havia uns Grandes Armazéns de modas e fora-de-modas, tão grandes que só nas janelas tinha 34 paus de bandeira espetados, o homem estava parvo de todo.

Mas não foi por isso que ficámos amigos. Passando à contra-ofensiva, o Jack sem mais preâmbulos deu-me, em primeira mão, a notícia do divórcio da Maureen O'Hara. Do seu primeiro divórcio! (Os que se seguirem não marcam tanto).

Foi a minha impassibilidade perante o anúncio de tão magno acontecimento, que lhe tocou o coração.

Mas há mais. Como eu desse parte das impressões colhidas àcêrca dos americanos e me demorasse mais na sêde de negócio que vai de lés a lés da América, o maroto do Jack, para me experimentar, contou-me que um casal muito conhecido de Hollywood tinha mandado prender a ama do filho, por ela induzir o bébé a vender-lhe os alfinetes de dama a preços verdadeiramente irrisórios.

Não o acreditei. E o resultado foi ter subido uns poucos de furos na consideração do «publicity-man», que daí por diante passou a tratar-me pelo «big correspondent», ou mais simplesmente pelo «big» (modéstia à parte).

Se não sou «big», também não sou «small» de todo, e resolvi não largar mais o filão que representa para a revista o Jack. E, assim, o «Animatógrafo» poderá chegar a convencer-se que tem dois enviados especiais em Hollywood pelo preço dum só, o que não deixa de ser agradável, e propício à apresentação das contas do Ciro's que tenho arrecadado.

Tornámos a falar de negócios, assunto que vem sempre a propósito, e o nosso homem disse-me que o mais rendoso é vender roupas e objectos usados pelas estrêlas e astros em voga. Dum inverosímil colete de oito algibeiras, a lembrar um contador antigo, sacou a seguinte lista:

Um cachimbo do Clark Gable: $5,—;
Um bâton, meio consumido, da Dorothy Lamour: $120,—;
Um cacho de uvas moscatéis arrancado à cabeça da Carmen: $17,—;
Um par de meias (vazias) da Betty Grable: $950,—.

Não resisti à tentação e encarreguei-o de comprar o bâton da Dorothy, para oferecer ao Bel Tenebroso.

Se eu fôsse neto espiritual do conselheiro Acácio diria: «em Hollywood o dólar é a base do sistema métrico da vida!»

O sistema da multa, por exemplo, encontra-se tão generalizado, que pode afirmar-se que nas esquadras de polícia não há prisões, mas sim casas-fortes.

É costume ao apresentar-se uma pessoa a outra, fazer seguir ao apelido o número de dólares que ela tem disponíveis na ocasião.

Ainda outro exemplo: o Jack explicou-me que não há tal cansaço de espírito de imaginação por parte do Charlot, mas a crise que atravessa deve-se antes aos boatos que correm de a Paulette Goddard ter-lhe pôsto o dinheiro ao sol. Ora, acrescentou, quando se põe o dinheiro ao sol só resta ir ver se chove...

Uma estrêla que não tenha um pó de arroz com o seu nome, e vice-versa, são coisas sem cotação no mercado. Daí não haver sabão macaco nem escôva de dentes que não se chama «Nelson Eddy» ou «Brenda Marshall».

E o facto é que as senhoras que usam o «rouge» Joan Blondell sentem-se particularmente formosas. Como se usar verniz para as unhas «Lana Turner» desse poder de agatanhar alguém!...

Agora por Lana Turner. A primeira vez que a encontrei na rua lembrei-me das curvas perigosas e passei por ela muito direito, tão direito que me pôs logo a alcunha do «Palito de Oeiras» (em americano, já se vê). No íntimo, fiquei lisongeado e prestes a acreditar que sou «big», como diz o Jack, porque cá só os vendedores de «ice-cream» e os porteiros dos estúdios é que não têm alcunha.

Eis uma mão-cheia delas, e com isto fecho hoje o correio:

Ann Rutherford — «O torrão de Alicante».
Juiz Hardy — «O água filtrada».
Laraine Day — «O sabão de sêda».
Ronald Colman — «O atrasa».
Tino Rossi — «A sinfonia incompleta».
Deanna Durbin — «O Aquiles».
Paul Vaughn — «O calcanhar do Aquiles».

A-PROPÓSITO DE BIOGRAFIAS CINEMATOGRÁFICAS

De quando a linguagem da tela não basta...

Segundo Lopes Ribeiro, Domingos de Marscarenhas e outras autoridades que nesta tribuna discreteiam sôbre as questões relativas à sétima arte, o cinema é uma linguagem — especial, acrescentam logo — mas de qualquer modo uma linguagem.

No que diz respeito a esta humana forma de expressão, desconfio que pertenço ao número daqueles que, como Fradique Mendes na carta a M.me de Jouarre, falam mal as línguas estrangeiras. Julgo mesmo que quanto à linguagem cinematográfica nem sequer a tartamudeio, que até hoje — e não sei se dê graças a Deus — não dirigi filme grande nem documentário pequeno, e nunca fiz cinema de amadores.

Tenho é certo tentado por vezes fazer a crítica do cinema, mas também só excepcionalmente fiz a crítica de filmes. Com franquesa, algum cantinho deve existir para aquêle que, amando o cinema, não é dentro dêle nem homem de acção, isto é, realizador, nem homem de contemplação, quero dizer, crítico. Não falo, é claro, dos homens de negócios do cinema, porque se para as duas outras coisas me não sobram merecimentos, para essa ainda menos.

A que vem, pois, o presente artigo?

Devo reconhecer que, de facto, a linguagem cinematográfica da sétima arte — e não vejam nisto redundância — se faz quási sempre entender tão bem como aquela tia de Fradique, na mesma carta que citámos, que viajou por tôda a Europa, compreendida por tôda a gente sem saber uma palavra estrangeira, e — acrescenta Eça de Queiroz — *com desafôgo e confôrto*.

O meu reparo quere portanto apenas referir-se a um aspecto da linguagem do cinema — aquela usada nas biografias dos grandes homens que a arte das imagens deseja vulgarizar.

A meu ver, essa linguagem, ou antes, o valor expressivo dessa linguagem, é sempre inferior à de uma bôa biografia literária.

Certos pormenores aparentemente sem importância e todavia valiosíssimos, quando convenientemente expostos em linguagem literária acessível, não encontram equivalente igualmente significativo na dialéctica cinematográfica.

Por outro lado, o que mais importa dar ao espectador do cinema são imagens, se possível, sempre bastante vivas; mas há ideias que se não traduzem fàcilmente em imagens e ainda menos em imagens vivas e — miséria cinematográfica dos grandes homens, — foram quási sempre essas ideias que os fizeram grandes...

Aliás, expôr gràficamente uma ideia complexa resulta quási sempre infantil, como demonstrar por imagens que dois e dois são quatro.

Acresce que o cinema é arte e espectáculo ao mesmo tempo, e o público a quem êste ordinàriamente se dirige, não liga a menor espécie de importância à vida e aos trabalhos dos homens de génio, não quere saber disso para nada — como sôe dizer-se — pois a êle só lhe interessam verdadeiramente os benefícios práticos que se tiram dos esforços dos grandes do pensamento. Interessa-lhe, por exemplo, que a raiva seja hoje uma doença curável, mas não o preocupa o processus íntimo intrinsecamente intelectual que levou Pasteur à sua descoberta.

Aliás, se assim não fôsse, não se compreenderiam fàcilmente as formidáveis dificuldades que aqueles encontraram sempre para vencer a rotina, para impôrem uma nova descoberta.

Esta é a razão, a meu ver, porque de quási todos os filmes biográficos que pretendem exaltar a figura dos verdadeiros homens de ciência, cuja vida decorreu na sua maior parte no silêncio do laboratório, o menos que se pode dizer dêles é que são sempre bastante incompletos.

Tem o cinema, inegàvelmente, possibilidades de expressão em tudo o que diz respeito ao sentimento como nenhuma outra arte, mesmo o teatro; mas as angústias e as vitórias da inteligência são sem dúvida um campo mais difícil...

ALVES DE AZEVEDO

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1330 — TONY DE LISBOA. — Não vejo inconveniente em que a teu pseudónimo fique tal como está. Assim, não haverá forma de se confundir com o leitor do Pôrto, que assina simplesmente, Tony. Êste leitor felicita *Conde Misterioso*, pelo seu artigo na «Página dos novos», e saúda *Bob Taylor, Luis XV, Conde Axel de Fersen da Suécia, Lady Enigma, Scarlet, Garota de Lisboa, Serrana, Boneca Volúvel* com as quais desejaria corresponder-se!

1331 — LOURENÇO OLIVEIRA. — Êste leitor, versão portuguesa do protagonista de *Rebecca*, deseja corresponder-se com *Princesa da Selva*.

1332 — PRINCESA YOLANDA *(Barquinha)*. — A tua carta é muito simpática mas o papel em que escreveste ia-me deixando maluco. É excelente, para riscos de bordados, mas para escrever é demasiado futurista. — Tereza Casal envia fotos a todos os leitores que as solicitem. Escreve-lhe para a Tobis Portuguesa, Alameda das Linhas de Tôrres, Lumiar, Lisboa.

1333 — MYRNA *(Lisboa)*. — No filme a que te referes, êle estranha a falta de notícias. E, como sabe que ela esteve doente, tem, por um lado o desejo de lhe preguntar se essa ausência é devida a falta de saúde, e por outro o receio de ser importuno. Daí, a indecisão, à James Stewart... —Espero que tenhas visto *Citizen Kane*, de que há meses me falavas, com tanta curiosidade. E que a Carmen Miranda, com o capacete tropical, te haja divertido. — Como me pedes que te recomende filmes novos, além dêstes que, por certo já viste, permito-me chamar a tua atenção para o *Come live with me*, onde encontrarás uma deliciosa Hedy Lamarr, modêlo de feminilidade, mais linda mulher do que boa actriz, mas um verdadeiro regalo para os olhos... Se gostas de Schubert, deverás ver a *Grande Sinfonia*. A Ilona Massey é uma *Sinfonia... Incompleta!*

1334 — UM CÉPTICO *(Horta)*. — Graça Maria envia fotos aos admiradores que as solicitam. A tua carta foi-lhe transmitida. — Laraine Day é hoje, incontestàvelmente, uma das novas vedetas com mais possibilidades. — Não conheço nenhuma artista com o nome de Anne Gwinne. — Fizeste bem em deixar de ser *Um Sonhador* e passar a assinar *Um céptico*. Mas *um sonhador*, deixa-me dizer-te, é um *anti-céptico*...

1335 — MR. FLOW *(Arcos de Valdevez)*. — Lembro-me perfeitamente de que fazias parte das hostes da «caixa do correio» de *Cine-Jornal*. Recebo-te com dobrado prazer, em *Animatógrafo*. — A carta para António de Sousa foi entregue oportunamente. — Deves inscrever-te no serviço de Selecção de Intérpretes da *Produção António Lopes Ribeiro*. Dirige-te, directamente, a esta firma produtora, Alameda das Linhas de Tôrres, 157. Lisboa. — Êste leitor deseja corresponder-se com *Antinea, Doida por Música* e *Benjamina*.

1336 — SABU *(Chaves)*. — Jean Pierre Aumont não morreu. Passou, recentemente, por Lisboa, como um meteoro. Porque só se soube que êle estava entre nós, na véspera da partida para a América.

1337 — JUDY GARLAND N.º 2 *(Lisboa)*. — Viva, Judy! Tenho muito prazer em receber-te. — Joan Fontaine é uma artista notável. *Rebecca* foi uma autêntica revelação. — *De Braço Dado*, como *O Rei da Alegria* (Strike up the Band) são hinos (orquestrados à americana) à mocidade, aos seus direitos e ao seu valor. — Saúdo em teu nome *Mickey Roonete* e *Conde Misterioso*.

1338 — ZÉ FERNANDES. — Respondo à carta que me escreveste, em duas prestações, com bonus pela lotaria. Foi pena que não concluísses a primeira, pois vinha tôda puxada «à sustância». — Não podes ajuizar o som duma fita, sobretudo portuguesa, nas máquinas do cinemaa que aludes. A propósito, recomendo-te que leias os dois artigos sôbre «Mixordeiros», que ùltimamente vieram a lume, em editorial. — Por me falares no *Edison* (quem havia de dizer que esta resposta viria já depois do filme exibido, quando na tua carta ainda não sonhavas com a estreia!) devo declarar-te que a electricidade é de facto a coisa mais bel-tenebrosa dêste mundo. Basta dizer-te: até hoje ninguém a viu e ainda por cima não se define. Tal qual como êste teu criado...

1339 — BALALAIKA *(Lisboa)*. — Transmiti oportunamente a tua carta. — Joan Fontaine e Olivia de Haviland são irmãs. — De Deanna Durbin, na presente temporada, veremos *Desfile da Primavera* e *Nice Girl* — Pedes-me a letra em português de *Balalaika*. Estremeci!... Que horror! A *Balalaika!*... Mas deixa-me dizer-te: a letra da canção em brasileiro é que é saborosa: *Esta canção / Que abala lá e cá...* etc... (o «abala lá e cá», por «balalaika» — vale um poema!) — Transmito as tuas saudações aos leitores desta revista. Nomeadamente a *Conde Axel de Fersen da Suécia, Deram-lhe uma espingarda* e *I love Shirley Temple*.

1340 — DULCINEA — Folgo, *Dulcinea*, que *Animatógrafo* para ti, seja, como dizes, motivo de tamanha alegria espiritual. — Pelo que me contas, tiveste uma grande desilusão, quando viste o Charles Boyer, em carne e ôsso... Desilusão, possìvelmente, porque tem menos cabelo do que na tela... Mas é um espantoso artista e isso é que conta! — Transmito os teus melhores cumprimentos a *Donanfer*.

1341 — KALLIKRATES *(Lisboa)* — A tua carta, com a evocação dos velhos filmes mudos, portugueses e estrangeiros, é muito interessante. Às vezes evoco, com saudades, os bons tempos de *O Sinal do Zorro, A Quimera do Oiro, Os Nibelungos, O Milagre dos Lôbos, O Vento*, os clássicos de Mary Pickford, dos irmãos Gish, de Douglas, Chaplin, Pamplinas e tantos outros. O cinema, hoje, dá-nos, por certo, filmes excepcionais! Mas que encanto tinham para nós esssas obras, tão próximas, mas já tão longínquas! — Saúdo, por ti, *Fotogénica* e *Lady Enigma*, com quem desejas trocar correspondência!

1342 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE *(Coimbra)*. — Tomo nota do facto curioso que referes: como hajas solicitado uma foto da Deanna Durbin, a Universal envia-te agora, regularmente, material de publicidade dos novos filmes da famosa estrêla. Regista também o novo enderêço que Walt Disney te comunicou e para onde lhe deverá ser dirigida a correspondência: 2400, Alameda Blud, Burbank, Califórnia.

1343 — INCÓGNITO MISTERIOSO *(Leiria)* — Pelo amor de Deus! Então tu supões ainda, um ano volvido, sôbre o início desta correspondência no *Animatógrafo*, que a demora das respostas tem outra razão que não seja a afluência, em proporções inacreditáveis, das cartas que recebo?! Mesmo que me tivesses ofendido (e qual era o leitor que o faria?!) eu responder-te-ia. Noutro tom, talvez! Mas não deixava de te responder! Não penses, pois, no assunto e escreve sempre!

1344 — CINDERELLA *(Pôrto)*. — Os argumentos de filmes contados pela maioria das revistas brasileiras, são, como bem dizes, autênticos problemas de palavras cruzadas... — Já não estou bem de acôrdo contigo, no que diz respeito às vedetas cariocas. Há mulheres lindíssimas e elegantíssimas. De plástica, um pouco planturosa, como críticas, mas, na minha modesta opinião, não têm, por êsse facto, menos interêsse de que certas «tísicas» e «arenques fumados», que são mundialmente célebres. — A tua sósia Ann Rutherford tem andado, de facto, um bocado arredia das telas. Vamos vê-la na *Secretária de Andy Hardy*. E como era de esperar o Mickey Rooney, mais uma vez, é-lhe infiel...

1345 — CINÉFILO ADORADOR DE LOIRAS *(Arrifana)*. — Estou convencido de que aí em Arrifana uma loira é raínha... — Elsa Rumina abandonou o cinema — Podes escrever à Norma Shearer (que não é loira!), em português, para a Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1346 — F. (X) *(Pôrto)*.—O teu pseudónimo é demasiado algébrico. — Pedes escrever, em português, à Helen Parrish e à Olivia de Havilland. Morada da primeira: Universal Studios, Universal City, Califórnia. Da segunda, Warner Bros, First Studios, Burbank, Califórnia. — Êste leitor gostaria de trocar correspondência com consulentes desta secção.

1347 — PÓ, CINZA E NADA *(Pôrto)*. — Estou a escrever-te em Dia de Finados. Nunca o teu pseudónimo, me pareceu mais adaptável à circunstância. Tive a sensação que no final da carta ia encontrar: «Saudações efusivas, dêste que, atendendo à solenidade do dia, se assina, Pó, Cinza e Nada». Memento homo... — Oscar de Lemos brilha mais no cinema e na rádio, do que no palco. — Não estou de acôrdo contigo quando consideras *O Pôrto)*. — Ficas inscrito no número do cinema nacional.

1348 — IRRESISTÍVEL *(Pôrto)*. — Ficas inscrito no nYmero dos meus consulentes. — Escreve em português a Betty Grable para 20 th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Para colaborar na «Página dos Novos» basta enviar um artigo que seja digno de figurar nele.

1349 — DEANNÓFILO — Com as fotos da Deanna passam-se coisas fantásticas. Há pessoas que as solicitam, directamente, enviam os 25 cents. da praxe, e recebem a foto que lhe compete. Outros, mandando a mesma quantia, são mimoseados com um retrato, formato postal. Há ainda os que não enviam vintém, e recebem fotos coloridas... O que me contas, por êste motivo, não é novo para mim.

1350 — RÁ *(Coimbra)* — Ora aqui está um presudónimo sintético! *Rá!* Oxalá que não ponham um til no *a* e te transformem em batráquio... — O futebol e o cinema não podem ser comparados, sobretudo para se dizer êste é melhor ou pior do que aquele... Tu podes gostar doidamente de futebol e ser um cinéfilo entusiasta. — O Bing Crosby, o cantor favorito dos radiófilos americanos, é um excelente artista. Simplesmente, não tem em Portugal um público que se interêsse por êle. — Myrna Loy nasceu a 2 de Agosto de 1905. — Hedy Lamarr: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Podes escrever-lhe em português.

1351 — BENJAMINA — Forte em metáforas?! Que ideia!? Tenho impressão de que tu só tomaste a nuvem por Juno... Com que então razões «intrínsecas»!? Well, não falemos mais no caso. — A tua admiração pelo Gigli é certamente proverbial. Mas suponho que haja muito mais leitores que admirem a sua voz. Daí, protestos, contra o teu reparo... — Não creio que vejamos, por agora, filmes de Gigli. Pelo menos, não tenho conhecimento de nenhum. Mas, talvez, quem sabe, o tenhamos em carne e osso. A ópera italiana, em Portugal, parece ser um facto, e talvez êle venha na rêde. A «rêde» é uma metáfora, baseada nos peixes e peixões, que, em regra, nunca são as prima-donas. — Tens estado muito preguiçosa a escrever, ùltimamente. Pois olha, Benjamina, filmes bons não faltam...

Bel-Tenebroso

ACTUALIDADES



Brindamos hoje os nossos leitores com uma fotografia sensacional: a da assinatura do contrato dos novos «big four» — os quatro grandes produtores da United Artists. Conforme noticiamos há semanas David O. Selznick tomou naquela firma a posição de Samuel Goldwyn, que êste adquirira em tempos a David Wark Griffith. A foto mostra Selznick a assinar a escritura, na presença de Mary Pickford, Charles Chaplin e Alexandre Korda (que entrou para a United Artists depois da morte de Douglas Fairbanks).

*

Recordam-se os nossos leitores, por certo, do animado e porfiado romance que ainda não há muito ligou os nomes de Norma Shearer e de George Raft, o actor que se distinguiu no célebre «Homem da Moeda» do inolvidável «Scarface». A-pesar-de movimentada e ardorosa essa intriga de amor acabou um belo dia, como os nossos leitores também sabem.

Mas George Raft não perdeu tempo e pouco depois toda a gente em Hollywood conhecia o nome da sucessora de Norma Shearer: Betty Grable, a ex-mulher de Jackie Coogan, que o público português elegeu como uma das suas artistas preferidas desde que a viu em «Sinfonia dos Trópicos».





A nossa fotografia mostra o novo par de namorados a assistir ao último combate de **box** sensacional: o que opôs o campeão de todas as categorias Joe Louis a um dos seus mais duros «challengers» Lou Nova. Na foto de cima vê-se Louis em pleno martelamento do seu adversário que, como é sabido ficou completamente «desfeito».

Pelas expressões de Betty Grable e de Raft dir-se-á que eram partidários do colosso negro, e não do seu irmão de raça...

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



JUNE LANG, uma das muitas caras bonitas de Hollywood, talvez venha ainda a enfileirar entre as artistas de maior renome.